

**O PADRE CRIA
EM JESUS,
MAS NÃO
ERA SALVO**

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)**

Edições Cristãs

ÍNDICE

Introdução

O menino devoto

A promessa do Coração de Jesus

Um pecado sempre confessado

O desastre da eletricidade

Sacerdote, cria em Jesus

Uma fé irreduzível

No auge da desventura

Importantíssima pergunta

A resposta ainda mais importante

As palavras têm diversos sentidos

Os vários significados de fé

Fé, sinônimo de doutrina

Fé num Jesus Taumaturgo

A Fé comprometida com enganos religiosos

A Fé Crença

A Fé Salvadora

INTRODUÇÃO

O Autor deste relato é o próprio sacerdote, seu personagem.

Se me fosse dado, sobremodo estimaria esquecer de vez muitos e tristes episódios de minha vida.

Lembro-os no intuito de valorizar o testemunho da Verdade do Evangelho e não no intento de ferir pessoas.

.oOo.

O MENINO DEVOTO

Quem lê minha autobiografia **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!** informa-se sobre o ambiente profundamente católico do lar de minha infância.

Desde muito criança aprendi a crer em Jesus Cristo! Já no regaço de minha mãe, que me ensinava a decorar as rezas, eu invocava Seu Nome. À parede de minha cama dependuravam-se dois quadros. Um do anjo da guarda naquele desenho colorido do suave mocinho de asas e braços abertos em gesto de proteção atrás do pequerrucho traquinas a atravessar uma rústica pontezinha estreita e perigosa por lhe faltarem os corrimões. A outra estampa, em ponto maior, do Sagrado Coração de Jesus, olhos compassivos voltados para o leito onde eu dormia e a mão direita erguida em sinal de abençoar.

Cada noite, ao me deitar e ao me levantar, cada manhã, ajoelhado no colchão de palha seca de milho, às duas estampas dirigia minhas súplicas a rogar proteção para o sono ou para o dia.

Lembro-me bem! Foi numa manhã brilhante e radiosa de maio. Pouco passara dos seis anos. Em fila dupla, meninos e meninas, todos de branco, laço de fita de setim ao braço esquerdo (tenho-a até hoje), vela de cera na mão direita, processionalmente, dirigiamo-nos da casa de Dona Dindinha Faleiros à matriz paroquial.

Seguiam-nos os parentes sob os olhares curiosos da gente postada à porta e às janelas das residências. Bimbalhavam festivos os sinos. Subimos as escadarias do templo a transbordar de fiéis. À porta,

aguardava o alvo cortejo o nosso vigário. Revestido das indumentárias litúrgicas, a cada criança oferecia, repetindo jaculatórias de bênçãos, a sua mão a beijar.

Mais de cem meninos e meninas instalamo-nos, segundo a ordem pré-estabelecida em anteriores ensaios, nos bancos reservados.

Nessas ocasiões solenes excedia-se em garbo o nosso vigário, o vigário da minha infância, o “padre” Eugênio Dias, cuja lembrança sempre me sensibiliza. Motivos de sobra me movem a até hoje ter-lhe intensa compaixão. Em **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!** exponho as razões desta minha piedade por ele nunca esmaecida.

Desenvolvia-se a missa envolta no perfume de flores e incenso. Solenizada pela presença da devota multidão de vestes domingueiras, a alegria de cânticos apropriados à ocasião a todos enlevava. As lágrimas saltaram aos olhos da multidão porque as palavras da prédica eloquente do sacerdote celebrante tocaram os corações. Recordo-me ainda de um episódio narrado por ele. E como o “padre” Eugênio sabia falar! Orador nato, seus gestos secundavam com perfeita simetria os arroubos de sua eloquência.

Lembro-me bem! Chegara o instante máximo. Ajoelhado à mesa eucarística, aos pés do vigário, mão direita a empunhar a vela agora acesa e a esquerda espalmada sobre o coração de pulsar acelerado e cheio de amor a Jesus Cristo.

Lembro-me bem! E como poderia esquecer-lo? O “padre” Eugênio ergueu, presa aos dedos, a hóstia consagrada. Com ela, a abençoar-me repetindo expressões rituais, traçou uma cruz sobre minha fronte. Descerrei os lábios. Expus a ponta da língua sobre a qual o sacerdote depositou a hóstia.

A minha primeira comunhão! A primeira eucaristia! Na minha fé católica, recebera nosso Senhor Jesus Cristo em Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

Tendo-O em minha língua, então O engoli. Ensinaaram-me! A hóstia consagrada, o próprio Jesus Cristo, Deus e Homem Verdadeiro, foi para meu coração. E em meu coração, sobre que permanecia minha mão esquerda espalmada, adorei a Jesus, a infinita riqueza dos céus e da terra. Tinha-O em meu íntimo. Voltando para meu lugar no banco, ajoelhado, fronte inclinada, olhos cerrados, falei-Lhe... Presente em meu coração, haveria de ouvir-me... Pedi-Lhe! Não vitórias na vida. Não sucesso na escola e triunfo nas riquezas. Pedi-Lhe! Não pelos meus familiares. Nem pela minha saúde. Supliquei-Lhe que me salvasse.

No catecismo preparatório, Dona Dindinha, nossa boníssima e terna catequista, falava-nos sempre do inferno, dos pecados mortais que nos conduzem a ele, da necessidade de salvamento da perdição

eterna, da Justiça Divina. Falava-nos da misericórdia de Jesus para os que, por amor dEle, praticam boas obras.

No instante da minha primeira comunhão, porque cria em Jesus, clamava-Lhe por minha salvação eterna em prol da qual dispunha-me a tudo fazer.

.oOo.

A PROMESSA DO CORAÇÃO DE JESUS

Feita a primeira eucaristia, passei a, confessando-me ao vigário todos os sábados, receber por ocasião da missa dominical a hóstia em comunhão.

Por crer em Jesus, quando criança ou adolescente, quando moço ou em férias no Seminário, nunca faltei à missa dos domingos.

Um domingo, à homília da missa, o nosso vigário relatou-nos importantíssimo acontecimento. Ocorreu na França. Em Paris. Há bastante tempo. Nosso Senhor Jesus Cristo aparecera a uma freira. Margarida Maria Alacoque. Canonizada, tornou-se “santa” Margarida Maria Alacoque, de festa celebrada no dia 17 de outubro de cada ano.

Apareceu Jesus à freira tendo Seu coração fora do peito a gotejar sangue, circundado por uma coroa de espinhos e encimado por chamas de fogo. Conversou com ela. E revelou-lhe a admirável promessa.

Garantiu Jesus salvação eterna às pessoas que, em nove primeiras sextas-feiras de meses seguidos, comungassem a hóstia consagrada em honra do Seu Sagrado Coração.

O pregador minuciou explicações. Entendi-as perfeitamente. E, na ânsia de minha salvação, propus-me a praticar a devoção das nove primeiras sextas-feiras.

Já naquela semana ocorria a primeira sexta-feira do mês. Por sinal, junho, o mês especialmente dedicado ao Coração de Jesus. Manhã bem cedo, cinco e meia, desafiando o frio daquele inverno do interior paulista, postava-me na longa fila do confessionário. Confessei-me e, na missa das sete horas, recebi com intenso fervor, em honra do Sagrado Coração de Jesus, a hóstia consagrada.

Repeti-Lhe com viva veemência a súplica da minha primeira comunhão. Comprometia-me à obra piedosa das nove primeiras sextas-

feiras de meses ininterruptos, mesmo se adoecesse e ao preço de qualquer sacrifício.

E, efetivamente, lutando em pelo menos duas vezes com sérias dificuldades, concluí a minha devoção.

Acaso em meu íntimo senti aquela segurança de salvação sempre anelada? Em sã consciência devo responder pela negativa. Não!!! Cria fervorosamente em Jesus. De crer em Jesus, assistia piedoso à missa dominical. De crer nEle comungava a hóstia consagrada em todas as missas. De crer nEle rezava-Lhe todas as manhãs e todas as noites (a primeira coisa que fazia todas as manhãs e a última de todas as noites) ali de joelhos no meu colchão de palha seca de milho. De crer em Jesus Cristo dediquei-me a cumprir a devoção das nove primeiras sextas-feiras em glorificação ao Seu Sagrado Coração que ainda gotejava sangue por causa dos pecadores. Cria em Jesus Cristo e continuava eu aflito à procura de salvação eterna.

E nessa aflição repeti indefinidamente a devoção das nove primeiras sextas-feiras.

.oOo.

UM PECADO SEMPRE CONFESSADO

Certo sábado, chegou lenha em nossa casa. Tínhamos os colchões de palhas secas de milho e o nosso fogão era de lenha.

Segundo posturas municipais, nada podia ficar sobre o passeio público. Incumbiam-nos nossos pais, a meu irmão e a mim, recolher a lenha toda vez que viesse. Era uma das nossas obrigações programadas.

Naquele sábado, concluído o serviço, brigamos. Fomos aos tapas e ponta-pés. Reconhecendo-se inferiorizado em razão da idade e do tamanho físico e mais sujeito aos sopapos, meu irmão correu. Com a sua fuga inesperada e sem condições de alcançá-lo, inconformado por ver escapar o rival, enfurecido, peguei um pau e atirei-lhe às costas desvestidas. E do ferimento correu sangue.

Enchi-me de pesar e de remorsos por haver ferido meu próprio irmão e derramado sangue dele. Na minha dor, sentia-me um Caim.

À tarde, fui confessar-me e, cheio de angústia, declarei meu pecado ao sacerdote. Cumpri a penitência imposta pelo confessor. Ele me absolveu. Por crer em Jesus, cria na confissão sacramental católica, no

poder do “padre” perdoar pecados. Cria sinceramente. Contudo, não me reconheci perdoado, embora logo ao almoço daquele mesmo dia, meu irmão e eu estávamos de bem.

Dois ou três dias depois, por estar curado do leve ferimento, meu irmão nem se recordava mais do machucado. Curara-se de toda sua ferida física... Meu coração, porém, continuava ferido de remorsos, sem a segurança do perdão de Deus.

Por isso, dali por diante, em todas as minha confissões, sempre, também ao tempo de sacerdote, acusava o pecado de haver ferido e tirado sangue de meu irmão.

.oOo.

O DESASTRE DA ELETRICIDADE

Foi noutro sábado. Outra vez chegara lenha. Ao invés de com meu irmão levá-la às braçadas para dentro do quintal, como sempre fazíamos, atiramos algumas achas por cima do muro. Uma delas bateu num fio elétrico que passava no quintal e o rompeu.

Concluído o serviço de recolher a lenha, fui varrer o quintal. Nem me lembrei de ser elétrico aquele fio. Resolvi enrolá-lo e pô-lo num canto. Por estar em parte desencapado, ao tomá-lo nas mãos, levei tremenda descarga elétrica que me atirou ao solo. Ao cair, o fio enrolou-se em meu peito sem camisa. E o choque de eletricidade continuou a me torturar, tanto mais que caí numa poça d’água.

Apesar de sem forças físicas, contorcendo-me ao impacto da descarga, minha consciência permaneceu lúcida e meu raciocínio a trabalhar. Reconhecia-me desesperadamente nos derradeiros instantes da vida. Apavorei-me na horrível certeza de ir para o inferno.

Conquanto me confessasse todos os sábados e todos os domingos comungava a hóstia consagrada... Embora rezasse todos os dias em minhas devoções ao Senhor Jesus Cristo, às tantas imagens e invocações de “nossa senhora” e a muitos “santos”... Ainda que prosseguisse no exercício ininterruptamente repetido das nove primeiras sextas-feiras... Contudo, total e angustiada insegurança de salvação me oprimia e me desesperava.

E que pecados poderia ter um garoto nos seus doze anos? Garoto intensamente religioso? E naquela roça que, ao mesmo tempo, era

minha cidadezinha? Que pecados poderia haver cometido? Nem rádio conhecia ainda. E de televisão nem se falava e nem se imaginava pudesse ela existir um dia. Aos oito anos vira pela primeira vez na Revolução Paulista de 32 um aeroplano. Nada conhecia do mundo! Fora com meus pais duas ou três vezes ao cinema. Ainda cinema mudo durante cujas projeções o Albano gemia seu velho violino.

Que pecados poderia ter praticado? Naquele ambiente distante do mundo civilizado (?) das cidades grandes? Sem ainda saber das “coisas” da sociedade?

Meu pai era comerciante. Rigoroso no peso das mercadorias. Justo nos preços. Nunca o vi a cometer qualquer desonestidade no seu balcão. Nunca o vi a negar uma esmola a um pobre. Nem supunha poder existir no mundo qualquer desonestidade no comércio.

Estava com quatro ou cinco anos quando num domingo de manhã, após a missa, apeou do seu cavalo em frente ao nosso armazém o seu Vilarinho. Ao apeiar do animal, caiu-lhe do bolso uma moeda. Dez tostões. Amarrou o cabresto no toco a isso destinado e, cumprimentando a todos, entrou no armazém. Aproximei-me do cavalo manso e, a afagar-lhe o pêlo lustroso, pus um pé encima da moeda. O seu Vilarinho nem notara haver-lhe caído o dinheiro. Minha idéia era de apanhá-lo e guardá-lo no bolso assim que o homem se aproximasse do balcão ficando de costas para a rua.

Quando colhi a moeda e a pus no bolso, chamou-me meu pai: “Aníbal, vem cá!” Sem prever nada, aproximei-me. “Tira a moeda do bolso e devolve-a ao sr. Vilarinho. O que fizeste não se faz. Devolve-se ao legítimo dono tudo que se acha. O que fizeste é indigno. Quiseste esconder o dinheiro que não era teu”.

E, na presença do sr. Vilarinho e dos seus fregueses, meu pai, sem alterar a voz e sem palavras rudes, na sua reprimenda em correto português carregado do sotaque da “santa terrinha”. Morto de vergonha, pedindo desculpas, restituí o dinheiro ao seu legítimo dono. E a lição serviu-me para sempre...

Criado com semelhante seriedade por um pai rico de tamanha nobreza de caráter, que pecados poderia ter eu cometido nos meus doze anos?

Naquele momento do acidente de eletricidade, quase a expirar, sabia com certeza de me encontrar irremediavelmente perdido. Perdido porque, apesar de tudo, da esmerada educação moral, do fervor religioso, continuava pecador. A lei do pecado prepotente me dominava. Naqueles doze anos de idade já não conseguia reprimir os instintos rebeldes da carne, que me obrigavam ao pecado solitário.

Aos gritos de meu irmão e aos de minha mãe e dos outros irmãos que chegaram, correu meu pai e me arrebatou das garras da morte.

Apesar de traumatizado e as pernas ainda trêmulas, à tardezinha, lá estava eu no confessional, a cumprir o sacramento da penitência de todos os sábados.

.oOo.

SACERDOTE, CRIA EM JESUS

Por crer em Jesus, anelava ardentemente salvar-me no desejo de estar ao lado dEle no Céu. Por crer em Jesus, resolvi tornar-me “padre”. Na condição de sacerdote, admitia eu, com maior facilidade serviria a Deus e me salvaria.

Em meu livro **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!** relato o ambiente do Seminário Católico onde estudei e me formei. Relato, outrossim, a pomposa solenidade de minha ordenação sacerdotal e a imponência de minha missa de neosacerdote em minha terra natal, São Joaquim da Barra, no interior do Estado de São Paulo.

Dediquei-me intensamente ao meu sacerdócio por crer de sinceridade plena em Jesus Cristo. Em Pernambuco macerei-me na promoção e direção de obras de caridade. Movido de intensa fé, celebrava as missas durante as quais me ajoelhava diante da hóstia, adorando a Jesus Cristo, por crer em Sua real presença física naquelas espécies.

Se, desde menino, era devoto ardentíssimo do Sagrado Coração de Jesus, agora, como sacerdote, empenhei-me arduamente a propagar-Lhe a devoção.

E, como resultado, em minhas paróquias, a primeira sexta-feira de cada mês se constituía numa verdadeira festa religiosa. Cheguei a passar sete, oito horas seguidas, sem sair para nada, nem para beber água, em meu confessional, com o fito de ouvir confissões dos meus fiéis às centenas em fila, porque estimulados por minhas prédicas ao exercício da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Em meu quarto de dormir, sua imagem no centro de duas outras, uma da senhora da Conceição e a outra de “são” José, desfrutava do meu zelo externado nas flores naturais todas as manhãs renovadas e no permanente tremeluzir da lamparina de óleo. Diante dessa imagem, todos os dias prostrava-me em viva piedade e tantas vezes desafoguei meu íntimo angustiado.

Sacerdote, cria em Jesus Cristo, cujo crucifixo sempre estive em meu peito sob a batina, sustentado por um cordão ao pescoço. Queria-o em cima do coração, supondo-o atento ao seu pulsar de amor por Ele.

.oOo.

UMA FÉ IRREDUTÍVEL

Nada, nem os fascínios do mundo... Nada, nem as agonias em busca de salvação... Nada, nem os desapontamentos pela falta de resposta aos meus clamores por salvamento... Nada alumia minha fé em Jesus Cristo. Nem os escândalos dos meus colegas e dos bispos, tantos completamente ateus...

Envergonho-me só de o recordar. Contá-lo, exige-me intenso esforço. Todavia, revela a firmeza de minha fé em Jesus Cristo.

De todos é sabido ser a missa (o santo sacrifício da missa por pretender renovar ou repetir o sacrifício de Cristo) o centro e o ápice do culto católico. Já disse! Celebrava-a impelido de viva fé e, por isso, obedecia com rigor todas as minúcias do seu ritual. À consagração prosternava-me diante da hóstia a nela adorar o próprio Jesus Cristo em Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

Por nada deste mundo passava pelo meu cérebro o mais remoto e superficial questionamento acerca do dogma eucarístico.

Ocorreu num domingo à tarde a inauguração do loteamento do Bairro de Cajueiro, cerca de Beberibe, no Recife. O arcebispo celebraria às 16 horas a missa constante do programa das solenidades inaugurais. Empenhava-se ele em comparecer a significar sua gratidão ao proprietário da extensa gleba loteada que, movido de generosidade religiosa, doara à Arquidiocese Católica do Recife uma quadra inteira com a promessa de construir no centro o templo da matriz paroquial. No entanto, um imprevisto de última hora impediu o comparecimento do bispo. Agastado pelo contratempo, telefonou lá para casa, pedindo-me o substituísse.

Juntei os petrechos litúrgicos e me encaminhei para o Cajueiro. A multidão aguardava a celebração do ato religioso que abençoasse o empreendimento imobiliário e os compradores dos lotes, futuros construtores do promissor novo bairro. Dispus sobre a mesa destinada a servir de altar as exigidas três toalhas de linho sob o meio das quais arrumei a pedra d'ara; esta, de mármore, no formato mais ou menos de 20 por 30 centímetros, tem incrustada uma relíquia de um mártir e é rigorosa sua exigência para a celebração da missa.

Principiei o ritual. Tudo seguia com normalidade. Sucediã-se os cânticos entremeados do murmúrio das preces. Naquele descampado a

brisa balouçava as pontas das toalhas e inclinava as labaredas das velas sustentadas acesas por mãos em concha a protegê-las das refregas mais intensas da brisa. Ao sermão enalteci a visão progressista e o tino comercial do proprietário e formulei votos de que os futuros condôminos edificassem um bairro tranquilo. Aludi à promessa do arcebispo no sentido de instalar ali quanto antes a nova paróquia destinada à assistência religiosa a humanizar o local.

Seguia-se o ofício litúrgico. Com esmerada exatidão, apesar das dificuldades do local e dos recursos improvisados, efetuei a “consagração” das espécies eucarísticas. A “consagração” é o momento culminante quando o celebrante, com palavras formais, transubstancia o pão e o vinho no Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo.

Ajoelhei-me a adorar Jesus Cristo realmente presente na hóstia consoante a fé romana. Ergui a hóstia e o cálice consagrados, exibindo-os à adoração da assistência devota. Uma banda de música estropiou o Hino Nacional Brasileiro e fogos espoucaram em saudação a Jesus Cristo baixado na hóstia e no cálice de vinho. Interrompi a celebração. Aguardava o cessar da barulheira. Ali, de pé, mãos postas e olhos semi-cerrados... Sobreveio uma lufada mais vigorosa de vento. A imprevista rajada, sem que eu pudesse fazer algo, varreu do meu altar o meu Cristo da hóstia...

Lívido de espanto, indeciso, perplexo, petrificado no lugar, refletia: Que fazer? Sair correndo atrás da hóstia seria ridículo por estar eu todo revestido daquelas esquisitas vestes, impossível pedir a alguém que a tomasse e a devolvesse ao altar porque a lei canônica proíbe a um leigo tomar nas mãos a hóstia do celebrante...

Enquanto, debatendo-me no entrecruzamento dos pensamentos mais disparatados, raciocinava sobre como solucionar o impasse e decidir pelo melhor caminho, ergueu-se uma voz.

Voz de bêbado na língua pastosa de álcool... Abriu-lhe passagem a multidão.

Cambaleante, a tropeçar nos próprios pés, achega-se ao altar. Debruça-se sobre ele. Com uma pancada forte do punho na mesa, solta dos dedos a hóstia e diz: “Sô vigário, peguei ela! Comigo ninguém pode. Peguei a danada!”

Horrorizado na minha extrema humilhação, rubro de vergonha, implorando perdão a Deus pela sacrílega blasfêmia do ébrio, colhi, num instinto de reparação ao incidente, com a máxima delicadeza a hóstia e prossegui a celebração, a genufletir adorando o “santíssimo sacramento”, o meu Cristo tão leve que uma lufada de brisa carrega e que na sua extrema fraqueza se expõe ao socorro de um desventurado alcoólatra.

Pois bem (deveria dizer: Pois muito mal), nem esse episódio abalou minha fé no Cristo da hóstia consagrada.

É a pura verdade! Desde menino sempre cri em Jesus. Na condição de sacerdote, cria sinceramente em Jesus. Minha fé nEle não se abalava por nada! E, apesar de crer nEle, continuava sem salvação!

.oOo.

NO AUGUE DA DESVENTURA

Em maio de 1961, vigário em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, completamente desiludido de encontrar salvação eterna, embora permanecesse no propósito de fidelidade aos meus deveres clericais, entreguei-me, vencido, ao absoluto desânimo religioso. Nessa situação de abulia espiritual sobreveio-me outro golpe a causar-me indescritível sofrimento.

Em minha autobiografia **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!** relato a circunstância pela qual vieram-me às mãos as Sagradas Escrituras e como as aceitei na qualidade de Palavra santa, infalível, inerrante e indeficiente de Deus.

Crendo agora nelas, nessas condições, o Espírito Santo me conduziu a questionar os dogmas romanistas ao seu enfoque. Reconheço! Somente a atuação poderosa do Espírito de Deus poderia empurrar-me a semelhante confronto.

Só se confronta e se questiona quando se quer tirar a limpo e chegar-se a uma conclusão clara. E isto, é evidente, pressupõe dúvida. Pelo menos, alguma. Uma certa dúvida. De feito, ninguém vai questionar um assunto do qual tem absoluta convicção numa mente por inteiro esclarecida sobre ele.

A leitura atenta das Escrituras fendia minha fé católica. Do desânimo resvalei para o desespero naquele cruel conflito íntimo em que me debatia no entrechoque de pensamentos contraditórios. Queria abandonar a leitura do livro santo. Não podia mais. Afligiam-me as terríveis dúvidas quanto à veracidade dos dogmas da minha religião. Por que não desisti em definitivo daquela leitura? daquela leitura que principiou a aluir e a estremecer minha fé romanista? A misericórdia de Deus fez-me sofrer os extremos da angústia, mas não permitiu desistisse eu do exame das Sagradas Escrituras e, perante o tribunal da Palavra de Deus, do questionamento das doutrinas católicas.

Lance por lance, em meu livro **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!** narro o processo de minha conversão evangélica. Efetivamente, na madrugada de 8 de novembro de 1961, nosso Senhor Jesus Cristo me salvou. Aquilo que, sofridamente, procurei desde menino, a salvação que, sôfrega e sacrificialmente, busquei no exercício honrado do meu sacerdócio romano, sem jamais encontrar, deu-me agora nosso Senhor Jesus Cristo.

Sim! Jesus me salvou naquele instante da madrugada de 8 de novembro de 1961 porque naquele instante eu cri nEle, eu confiei de todo coração nEle, no Seu glorioso atributo de único porque todo-suficiente e todo-eficaz Salvador.

.oOo.

IMPORTANTÍSSIMA PERGUNTA

Importantíssima e sempre atualíssima!

Nestes relatos tenho repetido várias vezes a afirmação: Desde criança sempre cri em Jesus; como sacerdote, por crer em Jesus Cristo, com desprendimento e zelo, servi a religião. E, a comprovar essa minha fé em Jesus, registrei alguns fatos.

Afirmei, outrossim, que cria em Jesus Cristo, mas não estava salvo. Credo sinceramente nEle, procurava salvar-me.

Afirmei, ainda, que na madrugada de 8 de novembro de 1961, cri em Jesus Cristo e Ele me salvou. Por crer nEle, naquele momento de Lhe haver depositado fé, concedeu-me Vida Eterna.

Seria uma contradição minha? Cria em Jesus e não estava salvo. Cri em Jesus e me salvou... Qual a explicação? Ou não estou sabendo me explicar? Ou, na verdade, antes não tinha fé alguma em Cristo? Ou enlouqueci?

.oOo.

A RESPOSTA AINDA MAIS IMPORTANTE

É verdade! Cria sinceramente em Jesus, mas não era salvo porque aquela minha fé era deficiente, falsa. Uma fé inútil.

Aquela minha fé não era de acordo com a vontade de Deus.

Então há mais de uma maneira de se crer? De se ter fé?

Há, sim!

Há diversos modos errados de se crer. E há só uma maneira certa, correta, de se ter fé em Jesus Cristo para nossa salvação. Somente há uma fé certa, verdadeira, segundo Deus, que serve de instrumento ou canal através do qual Deus nos dá Vida Eterna.

Por isso, para a salvação não basta crer em Cristo. É preciso crer nEle de modo correto. Como Deus quer que se creia nEle.

.oOo.

AS PALAVRAS TÊM DIVERSOS SENTIDOS

Assim como várias palavras podem significar uma coisa só (são os sinônimos), em geral cada palavra tem diversos sentidos. Ou seja, uma palavra só quer dizer duas ou mais coisas. Mesmo dentro das Escrituras.

Dou exemplos. Espírito é uma dessas palavras. Nas próprias Escrituras Sagradas pode significar brisa, vida, assopro, vento, a parte imaterial do ser humano, um ser extraterreno, indivíduo, mentalidade, o Espírito Santo de Deus.

Casa é outro vocábulo por mim lembrado. Tem várias acepções. A residência ou habitação, lar ou família, tribo. Em nosso linguajar comum, além desses sentidos, tem mais os seguintes: estabelecimento comercial, a Casa Pindorama, e aquela abertura por onde passa o botão e a ela se segura.

Ainda outro termo. Este do nosso hábito de conversar. Bomba. Pode ser aquele aparelho metálico para, através de tubulações, extrair, esgotar ou conduzir líquidos (a bomba d'água) e gases. Pode também ser aquele artefato explosivo de pólvora. Reprovação na escola. Uma notícia sensacional inesperada. Uma coisa ruim como um alimento desagradável ao nosso paladar.

Semelhantemente acontece com a palavra FÉ. E dentro da própria Bíblia.

.oOo.

OS VÁRIOS SIGNIFICADOS DE FÉ

Neste tópico, darei apenas um resumo. Em seguida, desenvolverei comentários sobre cada acepção.

O termo FÉ nas Sagradas Escrituras abrange, dentre outros, os seguintes sentidos:

- * Como sinônimo de doutrina verdadeira ou conjunto de doutrinas bíblicas.
- * Crer num Jesus Cristo apenas “milagroso”.
- * Crer em Cristo misturado com outros personagens e ensinamentos falsos.
- * Crença em doutrinas ou fé meramente intelectual.
- * Fé evangélica ou fé salvadora.

Cada passagem onde encontramos o vocábulo “fé” ou o seu verbo correlato “crer” define o seu sentido adequado. Se, em alguma circunstância, isto não ocorre, procure-se em passagens afins ou textos sobre o mesmo assunto a devida explicação.

Em itens subsequentes, minuciarei esclarecimentos.

.oOo.

FÉ, SINÔNIMO DE DOCTRINA

Nessa acepção, Judas, irmão de Tiago, usa-a no versículo 3 de sua Epístola: *“Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”*.

É essa fé (ou doutrina) que, no versículo 20, Judas adjectiva na posição de *“santíssima”*.

Essa “*santíssima fé*” constitui-se centro do desvelo do Paulo Apóstolo cujo ministério primou pela busca de sua unidade porque há “*um só Senhor, uma só fé, um só batismo*” (Efésios 4.5) e, em prol dessa unidade, Deus, que visa ao “aperfeiçoamento dos santos”, deu à Igreja dons e ministérios “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Efésios 4.13).

À doutrina chama-a Paulo de “*a palavra da fé*” (Romanos 10.8) e a Timóteo o tem na relação de “*filho na fé*” (1ª Timóteo 1.2) por lhe haver instruído na doutrina. A Timóteo, outrossim, exorta a conservar-se na fé, lembrando-lhe Himeneu e Alexandre, náufragos na fé por havê-la rejeitado (1ª Timóteo 1.19-20).

Dessas poucas referências do vocábulo fé, sinônimo de doutrina verdadeira ou conjunto de doutrinas bíblicas, deduz-se a sua máxima importância ao lado da qual o crente está convocado a lutar, sobretudo nestes últimos tempos. Notável relevo lhe tributam as Escrituras por considerarem essa fé a “*sã doutrina*” (1ª Timóteo 1.10; 2ª Timóteo 4.3; Tito 2.1).

Muitas outras citações bíblicas poderia indicar. Admito, contudo, serem estas suficientes à elucidação da minha assertiva quanto a se sinonimizarem nas próprias Escrituras os termos “fé” e “doutrina ou conjunto de doutrinas”.

.oOo.

FÉ NUM JESUS TAUMATURGO

Os Evangelhos primam por consignar os portentosos milagres de nosso Senhor Jesus Cristo operados como sinal de Sua Messianidade. Operou-os sobre a natureza, sobre as enfermidades e sobre a própria morte.

Seus prodígios despertaram a atenção pública. Muitos se admiravam. Outros tantos se revoltavam. E muitos creram nEle. Sim, os estupendos milagres de Jesus motivaram multidões a crerem nEle.

No entanto, depositavam nEle uma fé insuficiente à salvação espiritual.

Criam nEle na qualidade de Taumaturgo, Curandeiro, Milagroso. Mas, conquanto nEle cressem, permaneciam na perdição.

Jamais poderei cansar-me de admirar as Sagradas Escrituras e de pesquisá-las. Quanto mais as examino, mais me convenço de serem elas o inesgotável manancial de ensinamentos divinos.

Esta fé em Cristo apenas milagroso é deficiente por lhe faltar capacidade de salvar o pecador. Pode salvar o enfermo de sua doença, mas é-lhe impossível salvar o pecador da sua perdição.

A inexaurível fonte divina da Palavra de Deus se apressa em nos falar acerca da impotência salvífica dessa fé em Cristo apenas Taumaturgo. *“Estando Ele [Jesus] em Jerusalém, durante a festa da Páscoa, muitos, vendo os sinais que Ele fazia, CRERAM NO SEU NOME; mas o próprio Jesus não Se confiava a eles, porque os conhecia a todos”* (João 2.23-24).

E, para não pairar qualquer dúvida, essa afirmação é ilustrada com um episódio enriquecido pela categórica palavra de nosso Senhor. Dentre aqueles muitos que, atraídos pelos Seus milagres, *“creram no Seu Nome”*, destaca-se o príncipe judaico Nicodemos. De resto, ele, nos termos mais claros e incisivos, confessou sua fé em Jesus: *“Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que Tu fazes, se Deus não estiver com ele”* (João 3.2).

Porventura, este crente Nicodemos era salvo? Crente judeu e crente em Cristo... Crente judeu porque, *“mestre em Israel”*, cria na religião mosaica e a ela servia. Crente em Cristo por reconhecê-lo o Mestre vindo de Deus dotado do poder de operar sinais.

Pois bem, Nicodemos permanecia perdido! Tão perdido como qualquer gentio ou qualquer pecador ateu e materialista blasfemo de Deus e rejeitador das Escrituras.

Tão perdido que o próprio Jesus, o Rabi Taumaturgo, exigiu-lhe como de absolutíssima necessidade o novo nascimento ou regeneração: *“Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”* (João 3.3, 5).

Crendo somente em Jesus Cristo Milagroso, Taumaturgo, o indivíduo pode até invocar-Lhe o Santo Nome ao profetizar, expulsar demônios e fazer muitas maravilhas. E estar perdido e ser apartado como réprobo.

Supõe o meu amigo leitor esteja eu a delirar? E, no seu espanto, pergunta-me: *“Seria possível ser réprobo quem, por crer em Cristo, invocar-Lhe o Nome na operação de prodígios?”*

Nem estou eu alucinado e nem é impossível a condenação eterna desses crentes em Cristo. Não só não é impossível, mas é absolutamente certa semelhante condenação.

A sentença de nosso Senhor Jesus Cristo é explícita e inquestionável: *“Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-Me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em Teu Nome, e em Teu Nome não expelimos demônios, e em Teu Nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim os que praticais a iniquidade”* (Mateus 7.21-23).

Se a sentença reprobatória é terrível, também é terrível a causa da condenação. Essa causa é a iniquidade.

Que iniquidade? A iniquidade do homicídio? A iniquidade da prostituição? A iniquidade da idolatria? A iniquidade da parceria ou comprometimento com o mundo? Que iniquidade menciona aqui Jesus e que é causa da desgraça eterna?

A iniquidade de ser crente em Cristo!!!

Em definitivo, Aníbal enlouqueceu... Chamem o Azambuja, íntimo amigo dele! O Azambuja metê-lo-á numa camisa de força e o trancará num manicômio.

Qual nada! O Aníbal não enlouqueceu. Na verdade, muitos são condenados em razão da iniquidade de serem crentes em Cristo.

Aqueles réprobos da tremenda objurgatória de Jesus criam nEle tanto assim que, em Seu Santo Nome, por eles invocado, faziam grandes prodígios de exorcismo, de profecias e de maravilhas espetaculares. E estavam perdidos. E, apesar de crentes em Cristo, foram condenados.

É que essa fé é uma fé ineficiente. Insuficiente, inútil, para a salvação eterna do pecador.

Se o pecador não passar pela legítima experiência da regeneração espiritual ou do novo nascimento não recebe Vida Eterna. Embora creia em Jesus, invoque-Lhe o Nome e em Seu nome opere milagres, esse pecador continua perdido e, no último dia, será afastado sob a sentença da reprovação eterna.

Nos meios evangélicos atuais, há muitos grupos de indivíduos crentes em Cristo, mas são crentes perdidos porque exercitam essa fé deficiente num Cristo Milagroso, solucionador só de problemas terrenos. Essa fé é insuficiente, por isso, iníqua. Esses grupos de crentes iníquos estão perdidos. Basta ouvir-se uma pregação deles. O assunto se restringe a curas, milagres, exorcismo.

Do outro lado do Tiberíades, Jesus realizou o admirável portento da multiplicação dos pães. A multidão, pasma e maravilhada, quis aclamá-lo rei. A escapar dessa consagração popular, nosso Senhor, sozinho, escondeu-Se no monte.

Encontramo-IO no dia seguinte e, ao invés de lhes responder uma pergunta, passou a recriminar-lhes aquela fé resultante dos sinais vistos e a anunciar-lhes a verdadeira fé salvadora assemelhada ao comer e ao beber. E Ele figurado no pão e Seu sangue na bebida. Crer nEle agora para a salvação assemelha-se a comer a Sua carne e a beber o Seu sangue (João 6.28-59).

Aquela multidão de crentes em Cristo, Seus discípulos, por crer nEle dotado de poderes miraculosos, escandalizada por haver Ele falado sobre a verdadeira fé salvadora e condicionadora da Vida Eterna e na ressurreição no último dia, aquela multidão de crentes em Cristo, escandalizada com a proposta de fé salvadora, murmurava contra Ele e O abandonou. *“À vista disso, muitos dos Seus discípulos O abandonaram e já não andavam com Ele”* (João 6.66).

Corazim, Betsaida e Cafarnaum foram as cidades onde o Mestre “operara numerosos milagres” (Mateus 11.20). Contra elas, palco de Seus portentos, por terem-nO aceitado apenas na qualidade de Rabi Milagroso, Jesus Cristo lança contra elas, num gesto dramático de decisivo e extremo desafio, as mais violentas objurgatórias próximas da agressão. É bem de se ver que nenhuma dessas cidades tramou contra Sua vida a exemplo de Jerusalém. Todavia, a iniquidade de sua carente fé e a sua dureza de coração perante a genuína fé salvadora acarretaram-lhes as aterrorizantes ameaças: “Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: No Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivesse operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo” (Mateus 11.20-24).

Pela sua meridiana clareza, essas passagens não somente provam a existência desse tipo de fé em um Cristo Milagroso, mas também demonstram a sua deficiência e impossibilidade de promover a salvação do pecador.

.oOo.

A FÉ COMPROMETIDA

COM ENGANOS RELIGIOSOS

Estamos verificando as diversas acepções do vocábulo “fé” nas próprias Escrituras. Há por aí um conceito de fé abrangente de erros religiosos que se considera igualmente cristã.

Para se ter uma noção exata da FÉ legítima é preciso ter-se em conta que o OBJETO da fé é essencial.

Objeto aqui não significa, como no nosso falar comum, simplesmente uma coisa. Por exemplo, uma cadeira ou um lápis.

Nesta análise, o termo OBJETO quer dizer o depositário da fé. Quer dizer Aquele ou aquela doutrina no qual ou em que nós cremos.

Uma vez, Jesus Cristo, de maneira bem clara, apresentou o objeto da fé, quando disse: *“Tende fé em Deus”* (Marcos 11.22). Por conseguinte, nesse caso, o objeto ou depositário da fé é Deus.

Muitas vezes nosso Senhor Se apresentou na posição de objeto da fé. Isto é, como Aquele em Quem se deve crer. Se Deus é o objeto da fé (Marcos 11.22), Ele também o é. *“Crede em Deus, crede também em Mim”*, declarou Ele em João 14.1.

Para a salvação do pecador, Ele Se apresenta como o exclusivo objeto de fé. Crer nEle é estar seguro nEle e ser sustentado na própria mão do Pai (João 10.28-29).

Único objeto da fé salvadora por constituir-Se nosso Senhor o único caminho do céu: *“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim”* (João 14.6).

Levado às barras do tribunal sinedrita por, no recinto do templo, estar anunciando a Jesus Cristo, Pedro proclamou ser Ele o único objeto da fé porque é o único Salvador: *“E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”* (Atos 4.12). O único por Deus feito sabedoria, e justiça, e santificação, e REDENÇÃO (1ª Coríntios 1.30).

Se Jesus Cristo é o único Salvador, exclusivamente Ele pode ser o objeto ou alvo da fé.

Já naqueles primórdios apostólicos, todavia, surgiu a adulteração do Evangelho no seio do próprio Cristianismo por parte dos que a Jesus Cristo quiseram juntar obras e ritos religiosos como objetos de fé (Atos 15.1, 5). Insurgiu-se, contrário à proposta, Paulo Apóstolo e assegurou a pureza do Evangelho quanto a ser Jesus o único objeto de nossa fé: *“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado”* (Gálatas 2.16).

Jesus Cristo é o único objeto da fé salvadora! Qualquer desvio dessa doutrina das Escrituras implica em corrupção do Evangelho e, por conseguinte, da legítima fé.

O Apóstolo João, sem rodeios e tergiversações, afirma: *“Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas”* (2ª João 9-10). Doutrina nesse passo quer dizer não só o que Cristo ensinou, mas também, e sobretudo, os ensinamentos ou a doutrina das Escrituras sobre Jesus Cristo.

A fé em Cristo e simultaneamente em doutrinas religiosas falsas é uma fé inútil. A clareza, a franqueza e a advertência contra desvios doutrinários sempre foram da natureza da pregação de Jesus Cristo.

De certa feita, definiu muito bem essa fé que o mistura e confunde com erradas proposituras religiosas: *“Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim. E em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”* (Mateus 15.7-9).

Torna-se, por conseguinte, vã e inútil a adoração ou a fé em Jesus Cristo de mescla com a crença em falsos ensinamentos.

Neste caso, o próprio Jesus Cristo se torna inútil para quem de maneira errada crê nEle. Quem crê nEle de maneira errada O considera insuficiente e inútil. É o *“outro Jesus”* ao qual Paulo se referiu em 2ª Coríntios 11.4 proposto pelo *“outro Evangelho”* igualmente mencionado e combatido por Paulo (Gálatas 1.6, 8-9).

Com esses indivíduos seguidores do *“outro Evangelho”* ocorre o que Paulo Apóstolo dizia àqueles primeiros adulteradores da fé por juntarem ao seu único objeto, Jesus Cristo, outros objetos: *“Cristo de nada vos aproveitará”* (Gálatas 5.2).

É o caso da fé católica. Da minha fé de *“padre”*. No desenvolvimento destas páginas repeti à sociedade a afirmação comprovada com o relato de vários episódios de minha ardorosa e fervente fé em Jesus Cristo. Cria em Cristo e continuava perdido.

Nosso Senhor, valendo-Se de uma locução de verdadeiro juramento, prometeu: *“Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê em Mim tem a Vida Eterna”* (João 6.47). E esta promessa repetiu-a tantas vezes...

Na situação de católico sincero e, sobretudo, de sacerdote fervoroso, cria ardentemente em Jesus Cristo e permanecia perdido.

A falha, é evidente, não estava no Salvador, mas em mim. Na minha fé!

Fé por completo falsificada por tantos outros objetos aos quais ela se dirigia e neles se firmava.

É de se notar! Cria em Jesus Cristo! Não, porém, no Jesus Cristo revelado nas Escrituras Sagradas, o único e exclusivo Salvador cujo sacrifício é todoeficaz e, por conseguinte, todossuficiente (Hebreus 10.10, 12, 14). Ora, na conceituação do dogma católico, a missa, e por isso é chamada “o santo sacrifício da missa”, cobiça renovar ou repetir o sacrifício da cruz. Se tudo quanto precisa de renovação ou repetição é por causa de sua insuficiência, a missa acusa de insuficiência o sacrifício de Cristo. O meu livro **A MISSA**, nas suas mais de 200 páginas, estuda a matéria e sua leitura, sobretudo esclarecedora, torna-se assaz proveitosa.

Segundo o ensino romanista, as espécies pão e vinho são separadas precisamente para significar a separação do sangue de Cristo (vinho) do Seu corpo (pão) que Lhe produziu a morte. A única diferença entre o altar romano e o Calvário está em que no altar o sacrifício é incruento (sem derramamento de sangue) e no Calvário foi cruento (com derramamento de sangue).

O sacramento, na teologia romana, não só significa, mas produz. Significando a morte de Cristo, a missa torna a produzi-la. Em consequência, a realidade da repetição se dá porque, mediante a transubstanciação, o pão e o vinho são, na realidade física e sacramental, o próprio Jesus Cristo em Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Se esses elementos ou espécies, ainda segundo o dogma romanista, fossem apenas símbolos, aquela repetição não se daria e a missa deixaria de ser considerada sacrifício.

A conclusão é de clareza ofuscante! Credo eu na missa, que valor poderia ter minha fé em Cristo?

Cria em Cristo e cria em suas fantasmagóricas aparições a freiras psicopatas neurotizadas pela clausura dos conventos. Ao aceitar aquela promessa do Sagrado Coração de Jesus a Margarida Maria Alacoque, é lógico, repudiava eu, embora inconscientemente, a Sua lídima Palavra consubstanciadora de Sua indefectível promessa de Vida Eterna ao crente nEle, nos termos de João 3.16 e 6.47, além de muitos outros textos.

Absurdo comprometimento esse feito à freira da França, comprometimento condicionado à comunhão da hóstia nas primeiras sextas-feiras em decorrência de serem a hóstia e a missa a suprema blasfêmia contra o sacrifício cruento da cruz.

Amisero-me dos devotos do Coração de Jesus que, no anelo da salvação, exercitam as nove primeiras sextas-feiras e permanecem aflitos porque sempre sem salvação. Quantas vezes na hora da morte desses devotos ouvi o clamor angustiante de salvação! Cristo de nada lhes aproveitou porque a sua fé nEle foi a fé católica, falha desde a sua base.

Aliás, o dogma romanista, ao propor à fé católica tantos outros objetos, na verdade, exhibe aos seus fiéis o “outro Jesus” que não é o Jesus das Escrituras, único e exclusivo Salvador, portanto, único e exclusivo objeto da fé realmente salvadora.

Cria em Jesus, sim, mas também cria no purgatório. Em minha fé romana emparelhava a Jesus o purgatório das almas no além.

E, ao me recordar disso, caímos no mesmo raciocínio lógico!

A aceitar-se o purgatório supõe-se a insuficiência, a incompetência, a incapacidade do sacrifício de Cristo na salvação do pecador.

Em contrapartida, e sendo o divino sacrifício de valor infinito na sua todassuficiência e todacapacidade, porquanto “o sangue de Jesus Cristo... nos purifica de todo o pecado” (1ª João 1.7), qual a necessidade do tal purgatório?

Purificar significa purgar, limpar. Portanto, o nosso purgatório verdadeiro é o sangue de Jesus. Aquele outro purgatório inventado pela cupidez clericalista é falso, infundado. É uma fantasia!

Anexá-lo ao objeto da fé é invalidá-la e inutilizá-la. Era o meu caso de sacerdote que cria em Cristo com uma fé poluída dos miasmas da mentira religiosa. Em consequência, aquele Cristo do meu sacerdócio era o “outro Jesus” anunciado pelo evangelho católico, o “outro evangelho”.

Nosso Salvador Jesus Cristo é o único objeto da fé salvadora! Único objeto porque único Salvador. Único objeto porque único Mediador nos termos inquestionáveis de 1ª Timóteo 2.5-6: “*Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o Qual a Si mesmo Se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos*”.

A exclusiva mediação de Cristo decorre de Sua exclusiva obra redentora.

Em Cristo depositava minha fé sacerdotal e continuava perdido... Perdido por ser imprestável aquela minha fé corrompida por juntar Maria a Jesus Cristo. Maria, a medianeira de todas as graças. *Ad Jesum per Mariam* (a Jesus por Maria), constituía-se o dístico de minha confiança na medianeira.

Contrariava a afirmação clara das Escrituras quanto à unicidade da mediação de Jesus Cristo, acrescentando ao objeto de minha fé Maria medianeira. E o resultado só podia ser um... Só podia ser minha permanência na perdição.

Nosso Senhor Jesus Cristo é o único objeto da fé salvadora! Único objeto porque único Salvador. Único objeto porque único Mediador. Único Salvador e único Mediador porque é o único Advogado dos pecadores salvos a garantir-lhes a perseverança eterna. “*Estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos*

Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1ª João 2.1-2). Advogado infalível, é o eficiente Intercessor porque “pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7.25).

Advogado misericordioso, jamais abandona a causa dos que nEle confiam: “*O que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora*”, diz Ele em João 6.37.

Católico e sacerdote católico, cria em Jesus Cristo. Cria pela metade. Ou muito menos da metade. Na minha fé romanista, englobava como objeto de minha fé também Maria na invocação de advogada e refúgio dos pecadores. E nesta fé prostituída repetia a reza: “Salve, rainha, mãe de misericórdia, esperança nossa...”. Com lágrimas, quantas vezes, a como punhos me rebentarem dos olhos!, ali ajoelhado diante das imagens do Sagrado Coração e da senhora da Conceição, clamava: “Salve, rainha,... advogada nossa,... refúgio dos pecadores,... esperança nossa,...”.

Quanta blasfêmia! A fé blasfema do catolicismo!!! Fé no “outro Evangelho” anunciador de “*outro Jesus*”...

Em definitivo, impossível ser salvo por aquela fé católica voltada para um amontoado de objetos. Objetos todos contrários, diferentes, inversos, opostos àquele que deve ser o único objeto de nossa fé, nosso Senhor, Salvador, Mediador, Refúgio, Advogado, Jesus Cristo!

Impossível, absolutamente impossível, ser salvo em resultado do exercício daquela fé católica. Sacerdote, cria em Jesus, mas não era salvo. Não era salvo simplesmente porque minha fé era a outra fé. A fé no “outro Evangelho”. O “*outro Evangelho*” do “*outro Jesus*”.

A título de digressão, ao encerrar este tópico. Digressão, de resto, inevitável pela sua oportunidade.

Nos espaços evangélicos há indivíduos de inconsistente capacidade de observação dispostos a admitir a possibilidade de o católico de hoje poder, como católico, salvar-se. Imaginam eles esta possibilidade em decorrência de, nas suas mudanças, aliás superficiais, haver o catolicismo aberto mão de seus antigos dogmas, sobretudo os relacionados a Maria, aos “santos”, à missa.

A passagem de João Paulo II pelo Brasil, contudo, demonstrou sem deixar qualquer sombra de dúvida, que o romanismo permanece o mesmo de sempre nos seus aberrantes dogmas e nas suas absurdas práticas devocionais.

Só pode aceitar aquela possibilidade de salvação do católico dentro do catolicismo quem ou é cínico por dizer-se evangélico não havendo passado ainda pela legítima conversão evangélica, ou é imbecil por se

manifestar a respeito desse assunto desconhecendo as doutrinas romanistas e as próprias Escrituras.

.oOo.

A FÉ CRENÇA

Trata-se da adesão intelectual às verdades reveladas nas Sagradas Escrituras. É o assentimento que, em nosso intelecto ou mente, damos à Palavra de Deus por admitirmos ser verdadeiro o que Deus revelou.

Essa adesão ou assentimento intelectual fundamenta-se na autoridade do próprio Deus, incapaz de se enganar e de nos enganar.

À extensão das Escrituras, esse conceito de fé também é com assaz frequência encontrado. Menciono duas ou três passagens a título de comprovação.

Ao iniciar o Seu ministério público, indo a Jerusalém, Jesus expulsou os profanadores do templo. E, ao polemizar com os judeus enfurecidos, disse-lhes: *“Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei. Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e Tu, em três dias, o levantarás?”*. Por suporem referir-Se Cristo ao templo material de pedras, não entenderam que *“Ele, porém, Se referia ao santuário do Seu corpo”* (João 2.19-21).

Os próprios discípulos não compreenderam naquela hora, mas só muito tempo depois. João observa: *“Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os Seus discípulos de que Ele dissera isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus”* (João 2.22).

Noutra disputa com os judeus, Jesus empregou o verbo “crer” nesta acepção de fé intelectual ou crença, ao reptá-los: *“Se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em Mim; porquanto ele escreveu a Meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas Minhas palavras?”* (João 5.46-47).

Quando o Mestre, ao ser abandonado da multidão dos discípulos de Cafarnaum, perguntou aos doze: *“Porventura, quereis também vós retirar-vos?”*, Pedro ponderou: *“Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que Tu és o Santo de Deus”* (João 6.67-69). Por reconhecer a autoridade do Mestre, sua mente aderiu à fé em Cristo, o Filho de Deus.

Esta fé intelectual é importantíssima e indispensável no processo da conversão. Aceita a sua suma importância e a sua indispensável necessidade nesse processo, os discípulos de Cristo se espalham pelo

mundo a pregar o Evangelho. O anúncio do Evangelho tem este primordial objetivo de informar, ensinar e esclarecer às mentes a sua Verdade. Recebida no intelecto esta Verdade do Evangelho, o pecador pode, mediante a operação do Espírito Santo, chegar pela fé salvadora à lídima conversão e receber Vida Eterna.

Poderíamos assemelhar este tipo de fé ou crença à base da casa. Mas, se a base ficar só base, não haverá casa. Se não subirem as paredes e sobre elas não se estender o telhado, a base não oferece condição alguma de moradia.

Semelhantemente, a fé intelectual, por muito importante e indispensável que seja, de nada serve à salvação do pecador se ela não se consumir em confiança plena na Pessoa Divina de Jesus no apanágio de único Salvador.

Satanás e os demônios reconhecem a soberana autoridade da Palavra de Deus e, intelectualmente, creem nEle e em Jesus Cristo.

Por que tamanho espanto?

Satanás e os demônios creem em Deus e em Jesus!

A afirmação não é minha. É das Escrituras!

O leitor espantado pode abri-las. Aí em Tiago 2.19 leio: *“Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem”*. Creem eles em Deus e O aclamam “Deus Altíssimo” (Atos 16.17).

Estão, porventura, salvos Satanás e os seus demônios por crerem intelectualmente em Deus? Não! É-lhes impossível confiar.

Os demônios creem em Jesus e foram os primeiros a proclamá-IO Filho de Deus. E mais! Adoraram-nO.

Quando da cura do possesso da sinagoga em Cafarnaum por Jesus efetuada, o espírito imundo bradava: *“Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: O Santo de Deus!”* (Marcos 1.24).

A Marcos, embora conciso, é inevitável anotar: Jesus *“expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem Ele era”* (Marcos 1.34).

E aduz mais esta notícia: *“Também os espíritos imundos, quando O viam, prostravam-se diante dEle e exclamavam: Tu és o Filho de Deus!”* (Marcos 3.11).

Volto à pergunta: São salvos Satanás e os espíritos imundos? Creem em Deus e estremecem... Creem em Jesus, temem-nO, diante dEle se prostram a adorá-IO, reconhecendo-O o Filho de Deus... Continuam perdidos por lhes ser absolutamente inviável, inexequível, impossível, confiar em Jesus como Salvador.

Desgraçadamente, em nossas igrejas e por aí pelo mundo há muitos intelectualmente convencidos da veracidade dos ensinamentos bíblicos

da Verdade do Evangelho. Convencidos, mas não convertidos por lhes faltar no coração a plena confiança no Salvador.

É do meio dessas pessoas, sobretudo dos membros das nossas igrejas que são apenas convencidos, que saem os apóstatas, pois, se não se passar pela experiência da regeneração, pode-se correr o perigo de rejeitar a Sã Doutrina.

Aliás, um dos seguros testes reveladores da genuína conversão evangélica é o da firmeza doutrinária, o da fidelidade radical à “Sã Doutrina” ou “*Santíssima Fé*” das Escrituras.

Quando o “evangélico” simpatiza com a heresia sintomatiza sua carência de regeneração. Quanto à Verdade do Evangelho ficou apenas no convencimento intelectual. Tendo a mente esclarecida, o coração não se desabrochou à confiança em Jesus Cristo.

.oOo.

A FÉ SALVADORA

É a lídima FÉ EVANGÉLICA à qual nosso Senhor condiciona a outorga da Vida Eterna.

Em seu intelecto esclarecido pela Palavra e convencido pela veracidade do Evangelho e da total suficiência de Cristo Salvador, o indivíduo arrepende-se, pela operação do Espírito Santo, arrepende-se sobretudo de não ser ainda crente em Jesus (João 3.5; 16.8-9). E, em seu coração, de plena confiança, aceita a Pessoa Divina de Jesus Cristo como seu único e todo-poderoso Salvador.

Nesta atitude íntima, exercitam-se em relação vital com o Senhor as faculdades cogitativa (intelecto) e volitiva (vontade). Relação vital essa assemelhada pelo próprio Mestre ao ver, ao comer, ao beber, ao vir, porque crer nEle é, em plena confiança, apropriar-se dEle, de Sua adorável e misericordiosa Pessoa, no atributo de Salvador.

É esta a fé confiança, a fé fiducial, a fé evangélica, a fé salvadora, não simplesmente num ensino, porém, repita-se, na Pessoa misericordiosa do Filho de Deus.

Nesta fé evangélica, fé salvadora, o verbo CRER no Evangelho segundo João é encontrado nada menos que 46 vezes, tendo a Pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo como o seu objeto único e exclusivo.

Quem exerce esta fé salvadora ou evangélica, quem crê na Pessoa de Jesus infalível, instantânea e simultaneamente, recebe a Vida Eterna (João 3.15, 16, 36; 5.24; 6.40, 47; 20.31). Recebe a Vida Eterna, a Vida

Divina, e torna-se filho de Deus (João 1.12). Em sendo gerado para a Vida Eterna, filho de Deus, não perecerá (João 3.16), não é julgado (João 3.18; 5.24), nunca jamais morrerá (João 11.26), ressuscitará pelo poder de Deus (João 6.40; 11.25-26).

E destas imarcescíveis prerrogativas defluem tantas outras igualmente gloriosas, as quais o Novo Testamento inteiro, sobretudo na pena inspirada de Paulo Apóstolo e de João, proclama. Menciono-as num preito de louvor ao nosso Deus em meu livro **SERÁ QUE O CRENTE PODE PERDER A SALVAÇÃO?**, em cujas páginas estritamente enraizadas nas Escrituras, desenvolvo um estudo sobre a perseverança eterna dos salvos.

Na condição de católico sincero e fervoroso, devoto ardente do Sagrado Coração, de sacerdote de vida dedicada e zeloso na celebração da missa, padecia os horrores de sofregamente buscar salvação nos labirintos tortuosos e trevosos de uma religião errada, sem jamais poder salvar-me. Ao aceitar a FÉ EVANGÉLICA, nosso Senhor Jesus Cristo como meu único e pessoal Salvador, dEle recebi a Vida Eterna e todos os privilégios inerentes e decorrentes.

Lidas as páginas deste testemunho, poderá o amigo, agora esclarecido acerca da verdadeira fé evangélica, a fé salvadora, arrependendo-se de ser pecador, arrependendo-se de ainda não ser crente autêntico em Jesus, aceitá-LO de coração, confiando nEle como seu Salvador pessoal, único e todo-suficiente.

Às pessoas desejosas de conhecer a minha vida de sacerdote católico romano recomenda-se a leitura do livro **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!**. É o livro da minha vida.

.oOo.

